

## A REVISTA SUPERINTERESSANTE E A PADRONIZAÇÃO DA BELEZA

Cássio de Cerqueira Oliveira

*Universidade Federal da Paraíba*

### **Resumo:**

Em julho de 2013 a revista *Superinteressante* publicou em uma série intitulada *Coleções* uma edição de título “*Como Ficar mais Bonito*”. Esta edição apresenta maneiras de alterar a forma física basicamente através de cirurgias plásticas. Estas cirurgias, entretanto, não efetuam correções de “deformações” dos corpos, mas demonstram práticas que os moldem com o intuito torná-lo “*mais Bonito*”. O presente artigo visa analisar – tomando como base teóricos como Foucault (2006), Courtine (1995), Goellner (2007), Vigarello(2006) – como esta edição da revista *Superinteressante* cria uma moldura idealizada de corpos tanto masculinos quanto femininos.

**Palavras-chave:** Corpo, Revista *Superinteressante*, padronização da beleza.

### **1. INTRODUÇÃO**

Em julho de 2013 a revista *Superinteressante* publicou em uma série intitulada *Coleções* uma edição de título “*Como Ficar mais Bonito*”. Esta edição apresenta maneiras de alterar a forma física basicamente através de cirurgias plásticas. Estas cirurgias, entretanto, não efetuam correções de “deformações” dos corpos, mas demonstram práticas que os moldem com o intuito torná-lo “*mais Bonito*”. Exemplos de “cuidados do corpo”, como este, faz-nos questionar os modos como vemos o corpo na contemporaneidade, assim como os critérios que o definem como belo, uma vez que estas alterações na forma física corporal são provenientes de um desejo de ser visto e reconhecido pelos outros.

O corpo como matéria física não reflete apenas esta matéria, mas os modos como lidamos com ele, por estar situado em um determinado espaço/tempo e refletir as práticas individuais e coletivas deste mesmo espaço e momento histórico. Desse modo, os modos de cuidado do corpo são historicamente determinados e podem se alterar com o decorrer do tempo, hipótese que corrobora com a opinião de Goellner (2007) ao afirmar que ele:

Não é portanto algo dado *a priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele reproduz (GOELLNER, 2007, p. 28)

Goellner demonstra que os modos de representação dos corpos dependem do seu período histórico, assim como as funções que ele exerce, ou o modo como ele é preparado para exercer algumas funções na sociedade. O corpo, para esta autora, se constitui através da linguagem e comporta enunciados portadores de certo saber, ele se caracteriza por “um conjunto de signos que compõe sua produção.” (GOELLNER, 2007, p. 37). E é através da linguagem que se “[...] cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-la, classificá-la, definir-lhe normalidades e anormalidades, instruir, por exemplo, o que é considerado como belo, jovem e saudável.” (GOELLNER, 2007, p. 29). Sendo assim, é através da linguagem, e dos discursos presentes em seus enunciados, que os corpos são caracterizados, julgados e, por fim, moldados.

Estes modos de caracterização e repressão dos corpos atuam na subjetividade dos sujeitos, alterando o seu *ethos* e os “gestos” que retratam os modos de cuidar de si. A discussão acerca do corpo destaca uma necessidade de rememorar os modos de representação dos corpos em períodos históricos diferenciados, fator que permite aos sujeitos perceber que estas representações, que permeiam sua moldura física e seus “gestos”, se manifestavam de maneira diferente nos períodos históricos que as antecederam. Conhecer os modos de representação dos corpos do passado ajuda os sujeitos a descaracterizar algumas destas representações que moldam os gestos dos sujeitos da contemporaneidade, como nos afirma Goellner (2007):

Percorrer histórias, procurar mediações entre passado e presente, identificar vestígios e rupturas, alargar olhares, desconstruir representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que o foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempos, é imperativo para que compreendamos o que é hoje designado como um corpo desejável e aceitável. Lembrando sempre que estas são referências transitórias, mas que mesmo por assim serem, não perdem seu poder de excluir, inferiorizar e ocultar determinados corpos em detrimento de outros (GOELLNER, 2007, p.33).

Os gestos referentes ao cuidado dos corpos na contemporaneidade, entretanto, tem variado dos modos de cuidados dos corpos no passado, Foucault (2004), em texto intitulado *Os corpos dóceis*, nos demonstra como os gestos dos soldados eram moldados em busca de um corpo que se enquadrasse para o trabalho nos séculos XVII e XVIII. Partindo da análise de Foucault, Goellner (2007) define este processo como “controle-repressão”, entretanto, esta autora adiciona que os modos de moldura dos corpos se alteraram e que, na atualidade, os corpos passaram a sofrer um “controle-estímulo”, em que sua legitimação não mais aconteceria a partir da repressão constante, mas sim pelo estímulo a se enquadrar em certos parâmetros.

No que dizem respeito aos discursos que estimulam a moldagem dos corpos, seus argumentos se baseiam principalmente no princípio de higienização em que os corpos precisariam estar limpos, e apenas assim serão considerados saudáveis, para a produção. Contudo, como veremos a frente, o controle-estímulo do corpo já não se contenta apenas com seu fim na produção efetiva de bens, mas volta-se ainda para consumo de produtos e serviços relacionados à estética.

O estímulo ao controle do corpo propaga o discurso de que cada sujeito é responsável pela nossa própria beleza, porém, ao invés de conceder autonomia ao sujeito para cuidar de si, ele “esclarece” as responsabilidades que os sujeitos deveriam assumir para terem seus corpos socialmente reconhecidos como belos. Autores como Vigarello (2006) demonstram como, pouco a pouco, os períodos adicionaram discursos que defendiam esta concepção. Para este autor, o desenvolvimento tecnológico, que permitiu uma maior propagação de meios midiáticos, alterou o modo de percepção do corpo e o desejo de enquadrá-los nos padrões de beleza espelhados nas atrizes de cinema e nos manequins dos periódicos. As subjetividades desejavam “O relacionamento fascinado com o modelo, acessível e longínquo, inimitável e ‘humano’, **democratiza** aqui a vontade de embelezamento transformando gradativamente a maneira de sonhar e também de acesso a beleza” (grifo nosso, VIGARELLO, 2006, p. 157). Existiria, portanto, uma “democratização”, não do reconhecimento da diversidade de corpos e belezas, mas remodelada pela vontade de ser belo dos sujeitos que desejam viver as narrativas apresentadas em telas que, conseqüentemente, fazem com que as pessoas tentem se espelhar-se fisicamente nas personagens fictícias das mídias visuais:

Nesse mundo da imagem, em que a presença física deve se impor de imediato, a beleza existe como primeiro fator de atração. É o que dizem as revistas de cinema, que multiplicam as confidências das estrelas sobre a arte da maquiagem, a ‘fotogenia’, o ‘segredo de ser bela’, ou as páginas com anúncios prometendo cílios ‘longos e espessos’, um corpo ‘depilado’, uma pele ‘cuidada’, um olhar ‘mágico’, um nariz ‘perfeito’ (VIGARELLO, p. 157, 2006).

Vigarello (2007), apesar de identificar a difusão midiática como um instrumento cria aspirações no espectador, não tece críticas tão densas ao cinema, considerando mais problemático o manequim das revistas. Para este autor, o cinema, apesar de estabelecer um modelo, pode demonstrar aspectos que diferem dos periódicos e que valorizam uma naturalização dos corpos, atrizes como Brigitte Bardot eram atraentes por conter um *sex appeal*, um *it* enfatizado através de características mais naturais – como os cabelos despenteados - de suas personagens. As caracterizações destas artistas demonstravam uma imagem que transforma o selvagem e natural em

sexualmente atraente (VIGARELLO, 2006) e se desvinculado de uma subjetividade moldada para consumo de cosméticos. Já o manequim, como contraponto, esconderia as técnicas de fotografia e manipulação das imagens e, apesar de ser um ideal inalcançável, promete uma possibilidade de espelhamento que estimula o consumo de produtos de beleza.

Por ser historicamente estabelecida, a moldagem dos corpos pode sofrer intervenções que “[...] operam, ao mesmo tempo que podem oferecer-lhe – e oferecem – liberdades, invocam também estratégias de autocontrole e interdição” (GOELLNER, 2007, p.38). Os modos de representação de si pelo corpo, constituídos através do modo como os sujeitos se vêm perante os outros e como eles desejam ser vistos, apresentam um reflexo da sua subjetividade, autêntica ou assujeitada. Sendo assim, “[...] o corpo é o local primeiro da identidade, o *locus* a partir do qual cada um diz o seu íntimo, a sua personalidade, a suas virtudes e defeitos” (GOELLNER, 2007, p. 39).

Os modos de representação de si, assim como as identidades descritas por Hall (2006), estão sofrendo uma crise que é caracterizada pela fragmentação e pela descentralização de uma suposta identidade “mestra”. Desse modo, a subjetividade dos sujeitos está mais passível a “moldagens” e “remodelagens” dos modos como ela se auto-representa. Tal aspecto é discutido por Hall ao defender que “A identidade se torna uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”. (2006, p.12-13). Entretanto, Hall (2006) destaca ainda que esta fragmentação ao mesmo modo que impede ao sujeito a constituição de uma identidade fixa, também permite a ele estabelecer novas relações, estas podem resultar no desvínculo de pontos fixos que intensificavam o não reconhecimento de si.

E sendo o corpo, como descrito acima, o *locus* das representações, este não escapa à “celebração móvel” que o molda através de outras representações elaboradas sobre ele. Entretanto, deve-se destacar a não garantia de uma moldagem do corpo através de algumas representações que são feitas, os sujeitos podem estabelecer escolhas sobre os cuidados do próprio corpo, individualizando-se – em parte – do coletivo e dos seus modos de representação, como nos afirma Goellner:

A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos tanto porque a cultura campo político como o corpo, ele próprio é uma biopolítica [...] Um corpo que, dada a importância que hoje apresenta no que respeita a construção da nossa subjetividade está exigindo de nós não apenas a busca constante de prazeres sempre reinventados, mas também disciplina, responsabilidade, dedicação. Um corpo que, ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo

partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura (2007, p. 39-40).

A escolha da moldagem da subjetividade faz-nos lembrar das concepções de Laclau (apud HALL, 2006). Este autor utiliza o conceito de “deslocamento” para definir a constata alteração da subjetividade do sujeito pós-moderno, sem uma identidade pré-definida. O deslocamento cria a crise de identidade por não permitir o estabelecimento ou a permanência de uma subjetividade, mas ao mesmo tempo possibilita uma desarticulação de identidades estáveis, criando, assim, novas articulações. Portanto, apesar de ter uma beleza “coletivizada”, o sujeito pode comportar, ao mesmo tempo, representações individualizadas e coletivas.

## **2. O PADRÃO DE BELEZA DA EDIÇÃO DE JULHO DE 2013 DA SUPERINTERESSANTE**

Como dito anteriormente a revista *Superinteressante* publicou, em julho de 2013, uma edição intitulada “Como ficar mais Bonito”. Esta edição descreve cirurgias plásticas que, de certa maneira, estabelece um padrão de beleza. O discurso enunciado pela revista, além de estabelecer este padrão, utiliza de frases como “Democracia da beleza” – assim como é intitulada a carta do editor - com o intuito de difundir a cirurgia plástica como uma solução para “ficar mais bonito”.

Na capa do periódico é apresentado parte do corpo feminino, desnudo, com mamilos escondidos pelo título da edição. Na contracapa preserva-se o mesmo padrão de cores, título e enquadramento do corpo, porém o corpo feminino foi substituído pelo masculino, sendo, portanto, ambos os gêneros o público-alvo consumidor.



(Capa da Superinteressante, edição 38-A, de julho de 2013)

Apesar do pouco uso de técnicas de captura das imagens, os corpos que são apresentados nas capas da revista podem ser considerados como manequins, assim como vimos acima com Vigarello (2006). Porém, se antes o manequim era usado para anunciar um produto utilizado por artistas de cinema ou da televisão, neste caso, não podemos visualizar todo o rosto que acaba por ser desconhecido, e é o corpo moldado através das cirurgias plásticas que é apresentado como produto em si, como o propósito do anúncio. O intuito do sujeito da revista é difundir as possibilidades de cirurgias plásticas que podem alterar a forma física do corpo, ao invés de propor sua aceitação. A manchete da revista anuncia “As receitas mais úteis, criativas e surpreendentes da ciência para **melhorar sua aparência**” (grifo nosso). O uso do enunciado “receita” caracteriza as operações, a serem executadas para alcançar um padrão de beleza estabelecido pela revista, como algo bem simples, fácil de ser feito; “úteis e criativas” demonstram o teor propagandístico do conteúdo e reformula a concepção de “utilidade” que será reafirmada durante a análise da carta do editor; e o “melhorar sua aparência” sugere que caso o corpo não se enquadre nos padrões propostos através das imagens da capa e dentro das revistas, ele precisa ser melhorado.

Como pode ser visto na figura acima, o corpo feminino apresentado na capa é de uma mulher magra, seios grandes e firmes, sem muito músculos nos braços, com abdome magro, cintura fina, quadris largos – supostamente mulher adequada para ser mãe -, pescoço longo e fino, pele

branca e com ausência de pelos, verrugas ou manchas. O corpo feminino é apresentado com traços leves e delicados. As expressões de feminilidade do corpo apresentado não se restringem apenas ao corpo desnudo, mas – apesar de não enfatizado - pela presença de brilho nos lábios – batom ou gloss - e pelo uso de brincos que sutilmente reafirmam uma ideia de delicadeza.

Ao contrário do corpo feminino, o corpo masculino aparece como o ideal de beleza grega, o homem é apresentado como bíceps, tríceps, peito malhados e abdome definido. Cabelo curto e aparado, e o rosto, com mais detalhes que o feminino, parece ser retangular e apresenta um maxilar bem demarcado pelos músculos, enfatizando o caráter másculo do modelo. Entretanto, é curioso perceber que algumas das características tidas femininas são apresentadas no corpo masculino, dentre elas, a ausência de pelos em partes do corpo como: peito, barba, axilas, e um nariz harmônico com o restante do rosto. Estas últimas características demonstram o público-alvo masculino pretendido pela revista que seriam metrosssexuais.

Em ambas as capas da revista é possível perceber o destaque, através de linhas amarelas, de certas partes do corpo que indicam as páginas em que os leitores podem localizar informações sobre a cirurgia que os proporcionaria aparências semelhantes a dos manequins. Nas capas são destacadas as partes do corpo consideradas as preocupações da população. Para o corpo feminino, dentre as partes enfatizadas, encontram-se as rugas, celulites, os seios – prometidos como “maiores e mais firmes” pelo periódico. Dentre as preocupações do corpo masculino encontra-se a calvície, o nariz, o peito e o abdome. A moldagem de outras partes do corpo está exibida apenas dentro do corpo da revista, dentre elas, cirurgias que podem ser feitas na genitália tanto masculina quanto feminina.

### 3. ANÁLISE DA CARTA DO EDITOR

A carta do editor<sup>1</sup> apresenta a real intencionalidade do periódico. Na edição já citada da *Superinteressante*, a carta do editor tenta elaborar argumentos que demonstrem a importância desta edição para justificar a escolha do tema a ser abordado durante toda a revista.

O título da carta do editor, “Democracia da Beleza”, utiliza-se do termo democracia que simboliza igualdade e liberdade de expressão entre os membros de uma sociedade se contradiz – como veremos a frente – quanto na verdade o periódico estabelece um padrão de beleza a ser moldado durante esta edição. Este enunciado resgata uma memória discursiva que adiciona

---

<sup>1</sup> Apesar de o editor ser do gênero feminino, optou-se pelo termo “editor” ao invés de “editora” para evitar ambiguidades de significado do segundo termo.

significados positivos em contrasta com a ditadura, opressão. Para melhor percebermos os argumentos e contradições do sujeito editor, analisaremos a Carta do Editor em parágrafos.

Assistindo as velhas reprises na Tv a cabo, me dei conta de como todo mundo era diferente há 30 anos (sim, os anos 1980 já passaram a três décadas). Atores com dentes meio tortos, eventualmente amarelados de nicotina, com cabelos lisos, crespos e até carecas. Peitos pequenos e grandes. Bundas, idem. Até as mocinhas eram gente comum.

Ao retratar a diferença de aparência entre as pessoas de três décadas anteriores, o editor retoma a diversidade das características físicas típicas daquela época, inclusive dos astros de TV que não estavam necessariamente vinculados a um padrão. Entretanto, a sentença entre parênteses “sim, os anos 1980 já passaram a três décadas” demonstra que esta possibilidade de diferença é vista como algo retrógrado, atrasado ou do passado. A voz do editor estabelece uma obsolescência perceptiva quanto aos padrões dos artistas daquela época, fazendo com que padrões de beleza semelhantes aos corpos daqueles atores se tornem um produto não mais usável, fora de moda.

Ao retratar estes atores como “gente comum”, o sujeito editor caracteriza qualquer corpo com estas qualidades como perceptivamente obsoleto. Esta afirmação do editor demonstra a impossibilidade do corpo diferente ser considerada como atraente, desvalorizando o “it” dos artistas – requisito que confirmava a individualidade destes, segundo a visão de Vigarello (2006) – e negligenciado o fato dos padrões de beleza se alteram com o passar do tempo.

Na vida aqui fora, era do mesmo jeito. Tinha a menina que era a linda da escola, que reluzia em meio a uma centena de adolescentes desengonçadas. O menino que tinha se desenvolvido primeiro, tinha barba, peito largo e era o capitão do time de futebol em meio aos gordinhos e magricelas.

No segundo parágrafo, apesar da inexistência de uma caracterização das garotas, percebemos o estabelecimento de um padrão de beleza para os garotos que, ao ser portador destas qualidades, seria mais admirado, e enfim reconhecido, pela sociedade. Aspecto curioso pode ser percebido no enunciado que afirma a existência de barba como uma destas qualidades, uma vez que, em contraste, a capa da revista tenta estabelecer um padrão anti pelos.

O editor se posiciona para afirmar que a beleza, naquela época, era um dom divino, porém biologicamente determinado, cujo julgamento entre “feio” e “belo” seria algo imutável. Porém, a caracterização da “gente comum” coloca estes sujeitos em posição inferiorizada, o uso de enunciados como “desengonçadas”, “gordinhos” e “magricelas” assumem teor pejorativo e de

menosprezo, uma vez que estes sujeitos não “reluziriam” dentre as pessoas nem seriam escolhidos como “capitão do time de futebol”.

Hoje, não. Mudou. Olhe em volta, no trabalho, no ônibus, numa balada. Todo mundo pode ser a peituda da escola, o fortão do time de futebol. Vivemos em uma era da democratização da beleza. Você não depende mais da genética para aprimorar o shape. Basta uma ajudinha da tecnologia – e algum dinheiro no bolso. Há jeito para rugas, lábio fino, peito pequeno, bunda fora do lugar, nariz que não combina com o rosto e até para um genital que por ventura seja motivo de constrangimento. À primeira vista, uma grande futilidade. Na verdade, uma imensa injeção de autoestima.

O terceiro parágrafo da carta do editor apresenta o padrão de beleza atual em oposição ao padrão de três décadas atrás e introduz a suposta possibilidade, “democratização”, da beleza, mas segundo certos padrões. O uso de enunciados como “peituda” e “fortão” retomam a situação descrita no segundo parágrafo, das figuras que “reluzem”, e estabelece as características que definiriam o belo na atualidade. Aspectos como estes demonstram que a concepção de democratização do desejo de ser belo para viver as narrativas dos artistas de cinema analisada por Vigarello (2006), apesar de retomada, foi reduzida a moldagem de um padrão de beleza estabelecido pela edição da revista. Adicionado a isso se encontra ainda o aspecto das cirurgias plásticas – tidas pelo autor como inacessíveis pelo alto preço e pelo caráter de correção de “deformações” que foi difundida apenas após a primeira guerra mundial – como um processo simples, semelhante à compra de um produto usado pelas artistas.

O editor posiciona características como as “[...] rugas, lábio fino, peito pequeno, bunda fora do lugar, nariz que não combina com o rosto e até para um genital que por ventura seja motivo de constrangimento.” no mesmo patamar das deformações causadas pela mutilação dos corpos na guerra, julgadas como necessitadas de correções. Após o julgamento, considera que as cirurgias são vistas como “uma grande futilidade” por um olhar superficial, daqueles que são incapazes de perceber os benefícios deste processo – “uma imensa injeção de autoestima”. O editor não apenas justifica a escolha da temática como antecipa os possíveis estranhamentos do leitor ou futuros contra-discursos, contrários a ideologia pregada pela revista.

Por fim, o editor deixa uma mensagem curta em que afirma “Mas vale lembrar que é preciso cuidado. Há que se buscar harmonia, aceitar limites e, principalmente, se aceitar. Porque ainda não há prótese para bom senso.”. O enunciado final é contraditório ao proposto nos três parágrafos anteriores por prezar pela aceitação do próprio corpo. Vale ressaltar que a proposição final não se exclui a prática de cirurgia plástica, assim como não desenvolve o que seria uma “harmonia” ou os “limites” das alterações físicas. O parágrafo final aparenta deslocar-se, em ideologia, do restante do

texto, mas não contradiz os padrões criados pela carta do editor. O título apesar de supor uma “democracia da beleza” não condiz com o texto que molda a subjetividade dos sujeitos para uma preocupação com o enquadramento nos padrões de beleza estabelecidos por esta revista e por outros periódicos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da afirmação de “Democracia da Beleza” percebemos que a revista molda um padrão de beleza a ser alcançado que exclui os indivíduos que não se enquadram neste padrão. Uma vez que os sujeitos se tornaram responsáveis pelos cuidados de si, estes cuidados são – em sua maioria – regidos pelas representações feitas de se e do outro, do belo e do feio. Estas representações de belo alteram o *ethos* dos sujeitos, e podem causar um assujeitamento ao tentarem se adequar a padrões tidos como ‘aceitáveis’.

A edição da revista analisada acaba por estabelecer um padrão de beleza baseado no que Vigarello (2006) chamaria de manequim, um corpo difundido como humanamente alcançável, mas inalcançável pela presença de fatores como a manipulação de imagens em suas representações. A análise acima confirma o pontuado por Goellner (2007) ao defender que a produção dos corpos na contemporaneidade se baseia em um controle-estímulo ao invés de um controle-repressão. Sendo assim, estimulam-se os corpos a moldarem-se a partir de certos padrões que homogeneízam e rotulam o que é belo e o que é feio. A democratização da vontade de ser belo assumiu aspectos de estímulo e movimentam um mercado que gira em prol menos da democracia do que da ditadura da beleza.

## REFERÊNCIAS:

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michael. Os corpos dóceis. In: \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 29. ed, 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção Cultural do Corpo. In: GOELLNER, Silvana Vilodre et alli. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

SUPERINTERESSANTE COLEÇÕES. São Paulo: Editora Abril, jul. 2013. Mensal.

VIGARELLO, Georges. Convivendo com a as estrelas. In: \_\_\_\_\_. *História da Beleza: O corpo e a arte de se embelezar, do Romantismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

\_\_\_\_\_. O “mais belo objeto de consumo”. In: VIGARELLO, Georges. *História da Beleza: O corpo e a arte de se embelezar, do Romantismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.